

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANA LUIZA BRAGA**

**COMPREENDENDO A EXPERIÊNCIA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS DE  
ENSINO FUNDAMENTAL I**

**SÃO PAULO**

**2018**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANA LUIZA BRAGA**

**COMPREENDENDO A EXPERIÊNCIA ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS DE  
ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a  
graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>  
Marilda Pierro de O. Ribeiro.

**SÃO PAULO**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a escola estadual que concedeu a permissão para a minha pesquisa, possibilitando todo o trabalho realizado com as crianças, assim como o coordenador da instituição, que foi solícito e em todo momento disponível para diálogo. Agradeço também as crianças que participaram da minha pesquisa, que por questões de sigilo não serão identificadas, mas foram parte central desse trabalho e colaboraram imensamente com suas contribuições.

Gostaria de agradecer também a minha família, amigos e colegas de trabalho que em todo momento se interessaram e me apoiaram para finalizar essa pesquisa, mas principalmente a meus pais, que ouviram por muito tempo sobre o TCC e contribuíram na construção da investigação.

Por fim, mas de extrema importância, agradeço a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilda Pierro de O. Ribeiro, que em todos os momentos esteve disponível para esclarecer dúvidas, oferecer sugestões e aconselhar caminhos. Trabalhamos de maneira séria, mas fluída e os resultados foram recompensadores. Obrigada por todo o suporte.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar e compreender a experiência escolar no Ensino Fundamental I, a partir do ponto de vista e da fala de crianças de uma escola pública. Considerou-se que as crianças são sujeitos sociais com direitos, dignas de respeito e de voz (TOMÁS; GAMA, 2011) e, sendo a escola, um dos principais ambientes sociais das crianças, deveria ser também um espaço de escuta e de protagonismo dos alunos. Para atingir o objetivo foi realizada uma pesquisa empírica, com crianças de 8 a 9 anos, ambos os sexos, do 3º ano do Ensino Fundamental I. Com base na literatura, considera-se que a linguagem oral não é a única e nem a central como forma de comunicação para crianças (GONÇALVES, 2013), ou seja, elas também se comunicam por meios não verbais. Para a coleta de dados foram utilizados, além da entrevista, métodos de desenhos história e observação das crianças, agindo de forma espontânea em seus contextos escolares. Os resultados demonstram que a experiência escolar é representada de maneira positiva pelos estudantes, com significados pessoais para suas vivências. Porém, alguns fatores as prejudicam, como falta de recursos da instituição, pouco tempo lúdico e a violência entre alunos. As representações da escola real e da escola dos sonhos dos alunos evidenciam esses dados e também apresentam nítidas diferenças, sendo a primeira mais formal e pautada por regras e a segunda focada no momento de brincadeira. Destacou-se que as próprias crianças buscaram soluções ao falarem dos problemas, reforçando a ideia de lhes conceder protagonismo em seus meios sociais, contribuindo para construção de conhecimento.

**Palavras-chave:** crianças escolares, ensino fundamental I, experiência escolar, educação, escola pública.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	3
<b>RESUMO</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
1. Crianças como atores sociais com direito à voz .....	7
2. Ética em pesquisa com crianças .....	9
3. Métodos de investigação com crianças.....	10
4. Desenho infantil .....	15
5. A visão das crianças e a experiência escolar .....	15
<b>OBJETIVO</b> .....	18
<b>METODOLOGIA</b> .....	19
1. Entrevista Semiestruturada .....	20
2. Desenho História .....	21
3. Dados de observação em contexto escolar .....	21
<b>RESULTADOS</b> .....	22
<b>DISCUSSÃO</b> .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

## INTRODUÇÃO

No Brasil, construir uma escola pública de qualidade e que faça sentido para a vida dos alunos, é um trabalho desafiador que ainda merece atenção e energia dos envolvidos (PARO, 2016). A educação tradicional ainda tem suas práticas, teorias e métodos definidos por adultos, muitas vezes distanciados do cotidiano escolar, dando pouco espaço para o alvo da ação – os estudantes – opinarem sobre seus meios de ensino. A visão adultocêntrica da sociedade ainda encontra dificuldades para lidar com as visões e as vozes das crianças sobre os mais diversos temas.

Nos últimos anos, porém, o cenário vem se transformando ao se compreender que os alunos são sujeitos sociais, históricos e concretos, dentro de um espaço sociocultural, a escola, que será construída pelos sujeitos na trama social, no fazer-se cotidiano, transformando-se em uma instituição essencial na sociedade (DAYRELL, 1996). Pesquisas *com* as crianças e não *sobre* as crianças são cada vez mais realizadas, demonstrando a importância de se estudar suas vivências de mundo a partir de seus próprios olhares.

A partir dessa lógica, torna-se essencial abrir espaço para o protagonismo das crianças na sociedade, principalmente em ambientes escolares, onde passam grande parte de suas vidas. É importante não apenas dar a voz às crianças, mas os ouvidos. Conceder-lhes uma escuta atenta e sensível, levando em consideração suas opiniões e valorizando suas ideias, pode influenciar positivamente na construção de conhecimento e contribuir para a transformação da escola. Além disso, incentivar a criança a se expressar possibilita uma melhor compreensão de suas vivências, sentimentos e de seus processos de subjetivação no mundo em que existem, contribuindo para a criação de um cenário mais respeitoso, solidário e digno à infância.

A criança é um sujeito histórico e social, com capacidade de se colocar diante de experiências vividas em seu cotidiano, transformadora de cultura e por ela transformada; assim torna-se uma interlocutora importante para a realização de pesquisas, que envolvem temas relacionados à sua realidade. O diálogo com crianças pode contribuir para mudança

de paradigmas existentes, contribuindo para a formação de práticas educacionais mais coerentes com esse público (DO AMARAL, 2008).

O foco da presente investigação se dirige para crianças de Ensino Fundamental I, de 3º ano. Em concordância com a concepção de que a Educação é um Direito Humano, devendo ser de qualidade e de acesso a todos, a pesquisa foi realizada em escola pública. O interesse pela faixa etária e local citado ocorre devido a prévias experiências positivas e ricas da pesquisadora, durante a realização de estágios pela Universidade. O tema de investigação também foi construído a partir destas experiências, pois a partir de vivências em escolas e projetos com crianças, se tornou claro o quanto é importante escutar os alunos, porém falta espaço para o protagonismo da criança nos meios sociais.

Além disso, deve se ter em mente que crianças possuem diversos modos de se comunicar e de se expressar além do verbal. Portanto, para uma captação e compreensão mais global das vivências das crianças, foram utilizados métodos complementares de pesquisa posteriormente explicados nesse estudo. Por fim, a ética também foi foco de atenção no presente trabalho, em busca de um respeito pela posição das crianças e pela dignidade de sua infância. O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e após a avaliação dos pareceristas, foi aprovado para a continuidade da investigação (ANEXO I).

## **1. Crianças como atores sociais com direito à voz**

Tradicionalmente, as crianças são mais observadas do que escutadas, sendo vistas apenas como objeto de pesquisa (CAMPOS-RAMOS; BARBATO, 2014). A lógica de que “as crianças devem ser vistas, mas não ouvidas” ainda é predominante, desconsiderando a sabedoria contida nas vozes infantis (ROSADO; CAMPELO, 2011). A sociedade parece ser criada para e pelos adultos, diminuindo a participação da criança em decisões e criando uma relação desigual e distanciada entre os dois, pois a base é o poder mantido pelo adulto (DO AMARAL, 2008). Porém, crianças são também atores sociais, singulares, que vivem a infância com ideias próprias (TOMÁS; GAMA, 2011).

Um movimento contrário é defendido pela sociologia da infância, que não se restringe a olhar para análises de crianças feitas por adultos, tem como objetivo investigar a compreensão das próprias crianças sobre a sociedade, pois são sujeitos sociais com voz e possibilitar esse diálogo evita que a comunicação se torne um monólogo do adulto (DO AMARAL, 2008). Assim, considerando a participação de sujeitos em um sistema democrático, há uma mudança no paradigma que considerava as crianças apenas como objetos de investigação – sem posição política – para um paradigma que as admitem como sujeitos sociais com direitos, dignas de respeito e de voz (TOMÁS; GAMA, 2011). A mudança de paradigma gera uma transformação na relação pesquisar “a criança” para pesquisar “com a criança”, aceitando-a como parceira, dando protagonismo a ela e compreendendo melhor suas experiências (CAMPOS-RAMOS; BARBATO, 2014).

Campos-Ramos e Barbato (2014) apontam essa necessidade de um novo olhar, para que a criança participe e seja reconhecida em sua importância, sendo valorizada e empoderada, dando voz à sua perspectiva e originalidade; é necessário investigar sentidos e significados que as crianças atribuem a sua vida, quebrando com a concepção dominante, adultocêntrica, de que criança é aquela “que não tem fala”. Os autores ainda citam que a criança deve ser respeitada como sujeito histórico, que atua na cultura, pesquisadora, dotada de diversas formas de expressão e múltiplas linguagens.

A infância não é apenas uma fase de desenvolvimento do ser humano, é também uma construção social, permeada por diferentes experiências e elaborada a partir de suas relações sociais com o Outro (DIAS; CAMPOS, 2015). Nesse sentido, as crianças possuem capacidades e competências para darem contribuições inovadoras aos espaços sociais em que vivem, por isso necessitam serem ouvidas; elas são atores, sujeitos na investigação que podem e devem narrar por si próprios, sendo um direito que lhes assiste, visões e ações sobre os mundos que habitam (TOMÁS; GAMA, 2011).

É definido pela Convenção dos Direitos da Criança, o direito expressarem livremente suas visões acerca de temas que as afetam, pois assim os adultos poderão tomar decisões melhores, mais apropriadas e relevantes a respeito do mundo infantil (CRUZ, 2004). Como apontado por Cruz e Cruz (2012) a contribuição insubstituível das crianças pode

acrescentar novas informações ao conhecimento já concebido do adulto e inclusive alterar concepções equivocadas que vem se mantendo ao longo da história acerca da infância. “Assim, a melhor fonte para obter informações sobre as crianças, suas atitudes e percepções, são elas mesmas” (DO AMARAL, 2008, p. 34).

## 2. Ética em pesquisa com crianças

A questão ética deve ser considerada na pesquisa com crianças: “convém destacar que o compromisso ético-pedagógico e científico requer do pesquisador um exercício de alteridade que possibilite compreender as ações e os relatos infantis como fontes singulares de análise” (ROSADO; CAMPELO, 2011, p. 404). Para Soares (2016), considerar a infância enquanto grupo social diverso e plural, que encerra infindáveis realidades, melhora a qualidade ética da pesquisa, pois a categoria social infância expressa pluralidades:

“Dependentes de aspectos como a idade, o gênero, a experiência, o contexto sócio econômico, as quais dão origem a múltiplas formas de estar, sentir e agir das crianças e, por isso mesmo, exigem a consideração de cuidados éticos singulares, decorrentes da consideração da diversidade que encerram” (SOARES, 2006, p. 32)

Também é considerado ético em pesquisa com crianças, que a criança tenha o máximo de controle possível sobre o processo de investigação e sobre os seus métodos (THOMAS; O’KANE, 1998 in SOARES, 2006), pois a princípio o interesse e a motivação para a investigação são do pesquisador, portanto é necessário se atentar para não exercer controle aversivo sobre a criança no momento de pesquisa (CRUZ, 2004).

A punição, a pressão, a vontade de agradar, a descaracterização da fala, a cooptação de crianças por adultos, a falta de tempo, de interesse, de sentido, a repressão, vulnerabilidade da infância, entre outros, são fatores que se apresentam como obstáculos inibitórios para a participação das crianças em seus ambientes (TOMÁS; GAMA, 2011). Além disso, o pesquisador “deve levar em conta a desigual relação de poder entre adultos e crianças” (ROSADO; CAMPELO, 2011, p. 405). Portanto, uma outra maneira de se acessar a criança é não impor um tópico de investigação a ela, mas sim, procurar basear sua pesquisa a partir de questões significativas das experiências trazidas por ela (ROSADO; CAMPELO, 2011).

Rosado e Campelo (2011) também colocam que o pesquisador deve estar atento a essas questões, respeitar a fala da criança e tomar decisões em conjunto, implicando em conceder-lhes a palavra e o protagonismo sobre suas vivências sociais, objetivo central desse estudo.

### **3. Métodos de investigação com crianças**

A situação comunicativa é essencial para entender a diversidade de significados que os sujeitos atribuem a seus mundos sociais, segundo De Souza e Placco (2005). Os autores explicam que no processo de comunicação entre dois indivíduos a intersubjetividade é de grande importância, pois os interlocutores devem considerar o mesmo ponto de vista para criar um diálogo compreensível, devem possuir o mesmo foco de atenção.

Outro aspecto importante da comunicação é constituir a consciência dos indivíduos, por meio da construção de sentidos e significados sobre a realidade, que serão internalizados ao longo da existência do ser humano, *“as crianças partem de suas experiências para atribuir significados e sentidos aos conteúdos que circulam nos espaços interativos de que tomam parte”* (DE SOUZA; PLACCO, 2005, p. 73).

Partindo da concepção de que a situação comunicativa é essencial na investigação de significados, é importante entender também que a linguagem oral não é a única e nem a central para as crianças, pois *“a linguagem não verbal é um importante modo de dizer das crianças”* (GONÇALVES, 2013, p. 135); normalmente ocorrem também expressões corporais, gestuais e faciais nessa fase. *“Todas as crianças têm cem linguagens, que são patentes as suas qualidades e capacidades surpreendentes, aliadas a uma necessidade inexaurível por expressão e realização”* (MALAGGUZI, 1999, citado por CRUZ, 2004, p. 4).

Além disso, é importante ressaltar que a partir dos 5 anos a criança já possui conhecimentos suficientes para saber o que o adulto deseja ou não ouvir, assim, ela poderá manipular sua resposta para agradar o pesquisador (CRUZ, 2004). Ou seja, apenas entrevistas dirigidas e formais muitas vezes não são consideradas adequadas para compreensão total do ponto de vista das crianças. O esquema tradicional de entrevistas pode ser complementado por outras atividades como desenhos, dramatizações, histórias, músicas, brincadeiras, jogos;

outra sugestão é pedir às crianças que sempre justifiquem suas respostas (CAMPOS-RAMOS; BARBATO, 2014). A seguir alguns exemplos de métodos de pesquisa com crianças (CRUZ, 2004):

- **Entrevistas semiestruturadas:** se guiam por um roteiro previamente elaborado, com liberdade para sofrer ajustes conforme o interesse e atenção da criança. Podem ser realizadas perguntas como o que pensa da escola, o que sente a respeito dela, o que gosta e o que a desagrada no ambiente escolar, os motivos de frequentar a escola, entre outros.
- **Desenhos com histórias:** é uma maneira indireta de captar o olhar das crianças sobre determinados tópicos, pois lhes permite outro modo de expressão. É um instrumento que possibilita uma exploração mais profunda com as crianças e uma maior sinceridade de conteúdo. Primeiro se pede a criança que desenhe qualquer coisa relacionada ao tema investigado, no caso o contexto escolar. Depois, é solicitado a criança que conte uma história baseada nessa produção.
- **Observações na escola:** serve para se compreender mais a fundo a rotina escolar, centrando a observação nas crianças da pesquisa, mas também em outras relações e grupos presentes. O registro pode ser realizado por meio de diário de campo, fotografias e filmagens; previamente consentidos. Esses registros possibilitam inclusive a elaboração de instrumentos mais adequados para o contexto estudado.

Para trabalhar com crianças, recomenda-se escolher adequadamente o procedimento de investigação, desenvolver um protocolo com atividades de segundo plano para crianças mais hesitantes e tímidas, considerar atividades alternativas (desenho, escrita, fotos, vídeos, imagens, cenários, mapas), preparar a sala e o equipamento antecipadamente, nomear depois as crianças com pseudônimos para preservar sua identidade (CAMPOS-RAMOS; BARBATO, 2014).

Outra prática importante na investigação com crianças é a de observação do contexto estudado, tanto para que ocorra uma familiarização do pesquisador com os locais, os fatos

e a linguagem do ambiente, quanto para facilitar e desenvolver a relação das pessoas da instituição, especialmente as crianças, com o investigador (CRUZ; CRUZ, 2012). Um exemplo é a pesquisa de Rosado e Campelo (2011), na qual a pesquisadora só iniciou as entrevistas após quatro semanas de observação e convivência com as crianças, criando assim um clima mais confortável.

Ao lidar com a criança, é produtivo também comunicar de forma clara o propósito, ouvir crianças em diferentes contextos de desenvolvimento, formular perguntas abertas, incentivar a criança a contar história, falar de forma clara e explícita, deixar que assumam a liderança incentivando sua participação, esclarecer que não há resposta certa ou errada, identificar a emergência da mobilização da atividade, não emitir juízos de valor, desenvolver uma interação com empatia e calma, tratá-las com respeito, evitar perguntas e preocupações durante a conversa e ficar atento à necessidade de aprofundamento do tema explorado. É importante também proporcionar espaço e tempo às crianças, ter cumplicidade com elas, refletir sobre as informações que foram coletadas com outros adultos e com a própria criança, pensar a infância como categoria histórica e social e considerar a interação criança-adulto (CAMPOS-RAMOS; BARBATO, 2014).

Em levantamento bibliográfico, foram encontradas diversas pesquisas brasileiras que desejaram ouvir e entender as perspectivas infantis a respeito de suas experiências escolares e educativas. Na investigação de Chaves e Barbosa (1998), sobre as representações sociais de crianças acerca de sua realidade escolar, foram analisados os significados sociais que a escola possui no contexto de vida das crianças, em busca de uma maior compreensão de como as crianças representam seu ambiente escolar em sua globalidade e qual o significado que a escola adquire no contexto da existência concreta das crianças. O método utilizado pelos pesquisadores foi de coletar dados por meio de entrevistas, posteriormente analisadas com leitura flutuante para encontrar temas em comum. A partir desses temas, significados foram analisados. Os elementos abordados foram: relacionamentos e atividades pertinentes ao ambiente escolar, relacionamentos e atividades pertinentes ao ambiente extraescolar, representações relativas ao espaço físico da escola, atitudes referentes à escolarização, atitudes referentes às atividades e aos atores sociais da escola. Os autores concluíram que as crianças, oriundas de camadas

populares se encontravam integradas à realidade escolar e a seu espaço, valorizando a escola.

No estudo de Dos Santos e Chaves (2007), objetivo foi conhecer os significados que as crianças atribuem aos seus direitos; foi feito um estudo exploratório, comparativo e orientado pela Psicologia Sócio Histórica. A coleta de dados foi feita por meio de uma redação, realizada pelos alunos, sobre os direitos das crianças. Os autores buscaram expandir o conhecimento científico sobre a infância no Brasil, incluindo as crianças como protagonistas da pesquisa, desenvolvendo o sentimento de solidariedade social e pertencimento. As informações coletadas por meio da redação foram analisadas e separadas em categorias similares, levando à conclusão de que as crianças entendem que possuem o direito de brincar, de consumir e de estudar; porém não apresentam consciência de direitos mais amplos, por exemplo, o ECA.

Outro estudo encontrado foi o de Corsi (2011), que buscou compreender qual é a percepção das crianças de 5 a 6 anos sobre seus conflitos de relacionamento em uma instituição Ensino Infantil em São Paulo, tentando identificar a opinião individual e espontânea delas sobre esse assunto. A coleta de dados iniciou-se por meio de filmagens e gravações das cenas de relações e de conflitos espontâneos entre as crianças durante seu dia a dia. Depois, essas gravações foram transformadas em um pequeno filme, apresentado aos alunos. Durante a apresentação das cenas, as falas que surgiam entre as crianças foram anotadas e posteriormente analisadas por dois ângulos: o que as crianças definem como conflito (como e por que ocorrem) e como se resolve um conflito, abordando as propostas sugeridas pelas crianças.

Já a pesquisa de Cruz e Cruz (2012), a partir de uma análise qualitativa que buscou compreender as percepções das crianças sobre a creche, foi possível captar de maneira clara as percepções de crianças a respeito de suas vivências na Educação Infantil, adicionando informações ao que já se conhece da pré-escola e possibilitando um maior entendimento dos contextos que elas frequentam. Os instrumentos de investigação utilizados foram duas histórias para completar, uma na qual a personagem cita seu desejo de ir à creche e na outra ocorre recusa. As crianças foram sorteadas para participarem da pesquisa e seu real interesse foi verificado. A conclusão foi que para as crianças na creche,

vivência positiva era brincar e se alimentar, mas um ponto negativo era má relação com a professora.

Dias e Campos (2015), em seu artigo, tiveram como objetivo investigar o ponto de vista das próprias crianças, sem subestimar suas ações ou percebê-las com base em concepções do mundo adulto acerca das necessidades infantis. Os métodos utilizados foram de observação participante, registro em diário de bordo, entrevista com as crianças e registro fotográfico. As questões investigadas eram como as crianças justificam o ingresso no ensino fundamental, como vivenciam o estar na escola e as estratégias que criam nesse contexto e considerações sobre esse processo de transição. Os resultados demonstraram que apesar de desejarem entrar no Ensino Fundamental, o cotidiano escolar é um desafio para os alunos.

Por fim, Barbosa e De Souza (2015), analisaram os sentidos do respeito para alunos de sexto ano de escola pública, utilizando o método de contação e produção de histórias. As temáticas foram de sugestão do grupo de estudantes, com base em seus interesses; por exemplo, a questão de brigas na escola. As atividades de contação de histórias foram seguidas de discussões para melhor compreensão de seus pontos de vista. O resultado da pesquisa rendeu a criação do livro: *“Histórias de Adolescentes, Histórias para Adolescentes: uma produção coletiva dos alunos do sexto ano do ensino fundamental”*, feito a partir dos relatos e redações dos estudantes. Os resultados indicaram que, segundo a percepção dos estudantes, o que promove e mantém o respeito em ambiente escolar são ações e regulações externas aos sujeitos, como poder, punição e imposição do medo.

A linguagem nos constitui como indivíduos, já que nossa existência é essencialmente dialógica; nossos discursos se formam pela assimilação das palavras do *outro* e nossos enunciados são dirigidos ao *outro*; nenhuma voz jamais fala sozinha (GONÇALVES, 2013). Nesse sentido, é importante considerar que é a partir da narrativa que a criança define a si mesma. Contando-se e recontando-se o que é vivido no cotidiano, os indivíduos têm a possibilidade de refletir sobre esses eventos, construindo um sentido para suas experiências (CAMPOS-RAMOS; BARBATO, 2014).

#### **4. Desenho infantil**

O desenho infantil é um canal que possibilita uma compreensão mais profunda da realidade da criança, considerando que ela desenha o que conhece de seu mundo e ali expressa suas emoções, sua criatividade e imaginação; esse processo imaginativo envolve a concepção que a criança faz da realidade que captou e o que lhe é significativo. Além disso, interpretar um desenho infantil não é simples, pois os signos ali presentes não falam por si só, é necessário escutar também o que o próprio autor explica sobre sua produção, deve-se levar em conta a verbalização em conjunto da expressão gráfica (DA NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008).

Segundo Cola (2014) a criança confia na arte para se expressar de maneira complementar à forma verbal; a representação plástica é necessária à criança e a livre expressão para desenhar parte do princípio de que o aluno tem autonomia para trabalhar de forma espontânea, explorando as suas faculdades sensoriais. O autor também explica que a produção infantil facilita o surgimento de conteúdos emocionais, expressando um lado intencional e outro inconsciente, desconhecido; são desenhos peculiares e que demonstram multiplicidade dos estudantes.

#### **5. A visão das crianças e a experiência escolar**

Como coloca Dayrell (1996), a escola é construída pelos sujeitos na trama social, no fazer-se cotidiano, transformando-se em uma instituição essencial na sociedade. Além disso, apresenta um constante confronto de interesses: entre a norma social, que dita o que deve ser realizado nesse espaço e as relações dos próprios sujeitos autônomos que ali convivem, sujeitos históricos, providos de valores e cultura, que a transformam constantemente, fazendo com que a escola seja uma permanente construção social. Portanto, a escola como instituição de participação obrigatória das crianças, irá sofrer um contínuo processo de apropriação por parte dos alunos, dessa forma interpretações e significados serão construídos.

A escola é também um ambiente no qual a criança vai se autorregulando e internalizando, segundo a concepção de Vygotsky, as atitudes sociais. No processo educativo, o sujeito vive a dialética intersubjetiva de se transformar e se conservar ao mesmo tempo, ou seja, escola contribui para a transformação da subjetividade, ao mesmo tempo em que a conserva (DE SOUZA; PLACCO, 2006). Os alunos criam significados próprios aos acontecimentos cotidianos em suas vidas por causa da intensa relação que possuem com o mundo e seguindo a lógica dos autores citados, investigações que respeitam o olhar desses sujeitos sociais são essenciais (DO AMARAL, 2008).

Na área da educação, houve um crescimento na publicação de trabalhos que captam o ponto de vista das crianças; porém, no Brasil, ainda é uma tema que carece de maiores investigações (CRUZ, 2004). Considerando a escola como espaço de ação e convivência das crianças, ela *“deveria ser o local apropriado para práticas democráticas, ou seja, um espaço em que todos os sujeitos envolvidos tivessem oportunidade de expressar suas ideias, refletir, defendê-las”* (ROSADO; CAMPELO, 2011, p. 402).

Além disso, é a partir do ambiente social e cultural que as crianças vivem que suas concepções, aspirações e opiniões são formadas e a escola se inclui nesse processo (ROSADO; CAMPELO, 2011). As crianças sendo sujeitos socioculturais inseridos em uma realidade concreta de valores e possibilidades possuem projetos, ou seja, planos e sonhos para suas vidas – sendo assim, todos os alunos possuem alguma razão para estar na escola, de forma mais ampla ou mais restrita, consciente ou não, mas que possui significados a eles (DAYRELL, 1996). Seguindo essa lógica, a escola apresenta-se também como lugar para possíveis reflexões dos alunos a respeito de seus sentimentos e planos futuros, porém, o espaço para que essas questões sejam abordadas e elaboradas na escola é restrito (DAYRELL, 1996).

Outro aspecto relevante a se levantar é a questão da arquitetura da escola, ou seja, o espaço físico onde ocorre a experiência escolar, que influencia diretamente na percepção dos indivíduos sobre suas possibilidades de aprendizado, de ir e vir, de encontro com os outros, sobre a qualidade do ambiente e sobre a sensação de pertencimento dos alunos na instituição de ensino. O ambiente escolar apresenta, com certa frequência, um isolamento do mundo exterior e *“pobreza estética, a falta de cor, de vida, de estímulos visuais, deixam entrever a concepção educativa estreita, confinada à sala de aula e à instrução”* (DAYRELL,

1996, p. 13). Portanto, a maneira na qual os alunos vêm, ocupam e se apropriam da estrutura escolar é motivo para discussões entre educadores, pois o ambiente afeta diretamente o processo de subjetivação e aprendizado dos estudantes (DAYRELL, 1996).

Dayrell (1996) ainda cita a importância do encontro no ambiente escolar, ou seja, das relações interpessoais que ocorrem na instituição, que são essenciais para a formação ampla dos estudantes, pois na escola as crianças irão conviver com diferenças e diversidades, lidar com sentimentos, trocar ideias, criar amizades, viver em grupo e resolver conflitos. Porém, o tempo de socialização na escola ainda é limitado e controlado de forma rígida pelas regras escolares; enquanto poderia ser melhor aproveitado para criar laços e desenvolver boa convivência grupal. Por fim, o autor destaca a questão do aprendizado das matérias escolares pelos alunos, que muitas vezes se tornam apenas um conjunto de informações transmitidas pelo professor e memorizadas pelo aluno, sem um sentido real para os sujeitos. Diante dessa realidade, as crianças criam estratégias para enfrentar a monotonia da sala de aula, como brincadeiras e conversas paralelas, evidenciando a falta de interesse delas pelas atividades ali propostas, levantando a questão: a escola é uma instituição planejada para seu público alvo, ou apenas uma estrutura que organiza-se para si mesma?

Assim, segundo Rosado e Campelo (2011), é necessário ouvir os saberes e dizeres das crianças, para compreender suas concepções sobre a escolarização em busca de aproximar a prática pedagógica dos anseios infantis, tornando a experiência escolar mais significativa e transformando os alunos em participantes efetivos do processo. Ouvir as crianças sobre suas opiniões é uma maneira de se falar não apenas *sobre* elas, mas *com* elas; reafirmando-as como sujeitos e compreendendo seus modos de ver a realidade (GONÇALVES, 2013). Segundo Cruz (2004), a criança possui competência e conhecimento para expressar suas percepções e sentimentos a respeito de sua experiência educativa e que elas têm o direito de possuírem tais perspectivas consideradas.

Por fim, é essencial esclarecer que a intenção deste estudo não é de criticar o trabalho desenvolvido pela escola visitada pela pesquisadora, por reconhecer o esforço e o trabalho árduo que o corpo docente possui no dia a dia. A busca é por ampliar o conhecimento sobre

o tema investigado e estabelecer uma relação mais próxima com as crianças, sem abdicar completamente do olhar de pesquisador:

“Cabe ressaltar que, para que a criança possa realmente ser um sujeito de direitos, como determina a Constituição de 1988, não é necessário que o adulto abra mão de seu papel, pois este tem a importante função de orientar e determinar os limites necessários, estabelecendo, com a criança, uma parceria baseada no respeito e no diálogo, rompendo assim estruturas hierarquizadas” (DO AMARAL, 2008, p. 112)

## **OBJETIVO**

A partir da bibliografia levantada e das pesquisas revisadas, torna-se evidente a necessidade de dar um maior espaço para as visões e as opiniões das crianças, principalmente a respeito de assuntos relevantes na vida delas, como a Educação. A escola é um ambiente social no qual as crianças passam grande parte de seu dia e que constitui seus processos de subjetivação, portanto elas são protagonistas desse meio e deveriam ter o direito de atuar sobre ele. Além disso, as crianças podem contribuir com informações e perspectivas de mundo novas e inesperadas, ampliando concepções já estabelecidas, levando a possíveis questionamentos das teorias convencionais e a uma construção de conhecimentos conjunta sobre a escola.

A escolha da escola pública como campo de investigação se faz devido a diversidade e pluralidade de crianças que a frequentam, concordando com as diretrizes do Estado de que a educação é um direito de todos e que a escola deve ser de qualidade e acesso para toda a população. No Brasil, a escola pública sofre com a precarização, com problemas e conflitos (PARO, 2016). Nesse sentido ouvir a opinião desses estudantes sobre sua própria educação se torna essencial como meio de se desenvolver uma escola mais inclusiva, humana, digna e com mais sentidos para seu público alvo.

O objetivo desse trabalho é, portanto, entender a experiência escolar na perspectiva de crianças de Ensino Fundamental I, a partir do ponto de vista e da fala das crianças. Indo de acordo com os autores citados, a criança é um ator social que possui voz e opiniões próprias dignas de serem ouvidas, respeitadas e entendidas. Suas contribuições são essenciais

para a construção de conhecimento, para a compreensão de seus contextos de vida e processos de subjetivação e para o desenvolvimento de uma escola de qualidade. Esse é, portanto, um estudo investigativo exploratório da experiência infantil na escola.

## **METODOLOGIA**

Considerando a bibliografia revisada sobre métodos de investigação com crianças, assim como suas implicações e desafios, os instrumentos utilizados no presente estudo, para se compreender melhor os pontos de vista das crianças, foram de observação e registro do cotidiano dos alunos durante seu período de aula, entrevistas semiestruturadas e desenho história.

Os instrumentos foram aplicados no dia a dia escolar de estudantes de escola pública da cidade de São Paulo. A pesquisa foi realizada com 9 alunos de Ensino Fundamental I, de 3º ano, após verificar o consentimento da escola e das próprias crianças para o estudo. O Termo de Consentimento (ANEXO II) foi distribuído, juntamente com a proposta e os objetivos da pesquisa, atentando para a ética do trabalho.

A partir de observação em sala de aula do 3º ano, as crianças foram selecionadas para participar da investigação e seu real interesse na atividade foi verificado antes de se iniciar (CRUZ; CRUZ, 2012). Respeitando a diversidade dos estudantes, criaram-se grupos de investigação com meninos e meninas. Um critério também utilizado para buscar multiplicidade de estudantes, foi identificar crianças que durante a aula se apresentaram mais quietas ou mais agitadas, participativas ou que sentavam no fundo da sala, sozinhas.

Três trios foram formados e as aplicações das entrevistas e dos desenhos história ocorreram em dias diferentes para cada grupo. Em cada momento de investigação a proposta foi explicada para as crianças e o Termo de Consentimento entregue e assinado por todas. Todos os estudantes selecionados aceitaram participar e mostraram curiosidade pela proposta. A pesquisadora os informou que não eram obrigados a participar, que não existiam respostas certas ou erradas e que se eles quiserem, poderiam se retirar da pesquisa em qualquer momento.

Um pré-teste do procedimento de coleta de dados foi realizado, com três meninas de oito anos do 3º ano, Ensino Fundamental I, com o consentimento das alunas e de seus pais. A experiência iniciou-se com entrevista semiestruturada, que apresentou um bom andamento e diversos conteúdos relevantes. Em seguida, foi solicitado que as participantes desenhassem algo sobre escola, o que também se mostrou adequado para o objetivo do encontro.

A partir desse estudo piloto, definiram-se os detalhes dos instrumentos de investigação, descritos a seguir:

## **1. Entrevista Semiestruturada**

### Introdução

Olá, tudo bem com vocês?

Hoje nós estamos aqui para conversar, quero saber o que vocês pensam e sentem, quero que vocês me contem o que quiserem, fiquem livres para falar o que quiserem, está bom? Se vocês não estiverem se sentindo bem, podem me avisar a qualquer momento. Lembrando que não há resposta certa ou errada.

Vocês concordam comigo, querem perguntar algo?

### Perguntas para entrevista semiestruturada:

Qual é o seu nome e quantos anos você tem?

Fale-me da sua escola.

Como você se sente na escola?

Por que as crianças vão à escola?

Se você pudesse nunca mais ir à escola, você escolheria isso?

## **2. Desenho História**

Agora vou pedir para vocês desenharem para mim, tudo bem?

Aqui quero que você desenhe algo sobre a sua escola. O que você desenhou? Conte-me mais sobre isso.

Agora quero um desenho de como seria sua escola dos sonhos ou ideal. O que você desenhou? Conte-me mais sobre isso.

## **3. Dados de observação em contexto escolar**

A pesquisadora visitou quatro escolas públicas na região onde trabalha em São Paulo. A escola estadual escolhida apresentou maior disponibilidade, pois o coordenador mostrou-se interessado pela proposta e permitiu a inserção da pesquisadora na instituição. A partir de uma primeira reunião, foram definidas datas para que a pesquisa ocorresse na sala do 3º ano B.

Dois dias de observação no recreio e em sala de aula aconteceram, no qual se pode compreender melhor a dinâmica da escola, dos alunos e dos professores. No intervalo as crianças correm, conversam, tomam lanche e brincam, mas também brigam, se machucam, choram e gritam. Percebe-se que o trabalho de monitorar o recreio é intenso e apenas dois educadores ficam no pátio tentando estabelecer ordem e ajudando crianças que necessitam de algo.

Na sala de aula, são aproximadamente 35 crianças para uma professora; tornando árduo o trabalho de organizar as tarefas. Uma das matérias observadas foi oficina “Roda de Conversa”, na qual os alunos tiveram um rico debate sobre o Dia Internacional da Mulher. Elas levantaram questões como desigualdade de gênero e abuso de mulheres e de crianças. Foi um debate dinâmico e esclarecedor, muitas crianças participaram da conversa trazendo questões relevantes e se conscientizando sobre seus direitos. A outra aula observada foi de inglês, na qual as crianças estavam aprendendo cores. Nesse momento,

pareciam menos interessadas no tema proposto, pois estavam muito agitadas, levantavam, apagavam a luz, brincavam, conversavam e desenhavam coisas diversas no caderno.

## RESULTADOS

A partir de leitura flutuante das falas das crianças, coletadas por meio das entrevistas e dos desenhos história, oito temas principais foram identificados como pontos centrais de suas perspectivas sobre a experiência escolar: **Estudos e Aprendizagem, Brigas e Conflitos, Sentimentos Positivos e Negativos, Amizades, Colaboração e Respeito ao Próximo, Infraestrutura e Material, Brincadeiras e Lazer e Trabalho**. A nona categoria, **Outros**, existe pois algumas falas não foram possíveis de agrupar em um tema, porém reúnem poucas expressões, não sendo relevantes para investigação. Essas são, portanto, as categorias de análise que permitirão compreender a visão das crianças sobre a escola e as vivências que ali possuem.

Os desenhos realizados pelas crianças revelam os mesmos conteúdos citados acima, relacionando-se diretamente com a fala das crianças e acrescentando também novas informações e reflexões a respeito do tema. Esses aspectos serão abordados mais adiante.

As tabelas a seguir demonstram a presença dos assuntos abordados por cada grupo, tanto nas expressões durante as entrevistas quanto nas falas explicando os desenhos.

**Tabela 1.** Assuntos agrupados em categorias relacionados às entrevistas e falas dos desenhos do Grupo I

<b>Grupo I</b>	<b>Entrevista Semiestruturada</b>	<b>Desenho Escola Normal</b>	<b>Desenho Escola dos Sonhos</b>
<b>Estudos e Aprendizagem</b>	X	X	X
<b>Brigas e conflitos</b>	X		
<b>Sentimentos negativos e positivos</b>	X		
<b>Amizades</b>	X		
<b>Colaboração e Respeito ao Próximo</b>	X		X
<b>Infraestrutura e Material</b>	X	X	X
<b>Brincadeiras e Lazer</b>	X		X
<b>Trabalho</b>	X		
<b>Outros</b>			X

**Tabela 2.** Assuntos agrupados em categorias relacionados às entrevistas e falas dos desenhos do Grupo II

<b>Grupo II</b>	<b>Entrevista Semiestruturada</b>	<b>Desenho Escola Normal</b>	<b>Desenho Escola dos Sonhos</b>
<b>Estudos e Aprendizagem</b>	X	X	
<b>Brigas e conflitos</b>	X		
<b>Sentimentos negativos e positivos</b>	X		
<b>Amizades</b>	X	X	X
<b>Colaboração e Respeito ao Próximo</b>	X		
<b>Infraestrutura e Material</b>	X		X
<b>Brincadeiras e Lazer</b>	X		X
<b>Trabalho</b>			
<b>Outros</b>	X	X	X

**Tabela 3.** Assuntos agrupados em categorias relacionados às entrevistas e falas dos desenhos do Grupo III

<b>Grupo III</b>	<b>Entrevista Semiestruturada</b>	<b>Desenho Escola Normal</b>	<b>Desenho Escola dos Sonhos</b>
<b>Estudos e Aprendizagem</b>	X	X	
<b>Brigas e conflitos</b>	X		
<b>Sentimentos negativos e positivos</b>	X		
<b>Amizades</b>		X	
<b>Colaboração e Respeito ao Próximo</b>	X		
<b>Infraestrutura e Material</b>			X
<b>Brincadeiras e Lazer</b>	X		X
<b>Trabalho</b>	X		
<b>Outros</b>			

A partir de uma análise inicial das tabelas, nota-se que durante a coleta de dados diversos temas foram abordados, em todos os grupos investigados. A seguir, uma análise aprofundada sobre cada categoria levantada, exemplificando-as com a fala das crianças.

## Estudos e Aprendizagem

A categoria **Estudos e Aprendizagem** apareceu em todas as entrevistas – quando se perguntou “por que as crianças vão à escola?” - e em todos os desenhos da escola real, indicando a importância desse assunto na percepção das crianças sobre a experiência escolar. Apareceu apenas uma vez em fala do desenho sobre a escola dos sonhos. Portanto, não aparenta ser um tópico prioritário na escola que as crianças idealizam. Na fala das crianças, os estudos se relacionam com aprender a matéria escolar, se preparar para o futuro, ir para uma boa faculdade, tirar notas boas e se desenvolverem cognitivamente.

Um dado significativo foi que em nenhum momento da entrevista os estudantes relacionaram o porquê de ir à escola com **Brincadeiras e Lazer** ou **Amizades**, apenas com **Estudos e Aprendizagem** e **Trabalho**, demonstrando uma possível reprodução do discurso dominante, de que a função da escola é formar pessoas para o mercado de trabalho e para o futuro adulto. A seguir, exemplos da fala das crianças nessa categoria que representam suas ideias:

*“A gente vai pra escola pra aprender, ter um futuro melhor. Pra fazer uma boa faculdade”* (G.F., 9 anos)

*“Pra estudar, pra aprender coisas novas”* (N., 8 anos)

*“Pra aprender as contas”* (E., 8 anos)

*“Vai pra escola pra quando for adulto, ficar mais esperto”* (G.Q., 8 anos)

*“As crianças também vão pra escola às vezes porque elas querem melhorar as notas também, elas querem melhorar os estudos”* (E.M., 8 anos)

## Trabalho

Diretamente relacionado com a categoria **Estudos e Aprendizagem** e também respondendo à questão do porquê de se ir à escola, o tema **Trabalho** se mostrou bastante presente na fala das crianças. Elas compreendem que na escola poderão receber uma

educação voltada para se preparar para o futuro adulto, no qual terão que saber conteúdos para ter um emprego, trabalhar e não passar necessidades, novamente reproduzindo a ideologia dominante da função escolar:

*“Vai na escola porque você vai ter um bom emprego” (G.F., 9 anos)*

*“A gente pode ir pra rua se a gente não aprender. Perde os amigos, perde o emprego” (B., 8 anos)*

*“É, e se eu quero ser professora e não aprender nada, como é que a gente vai pro futuro sem aprender” (G.F., 9 anos)*

*“Vão para a escola pra quando elas crescerem, ela vai ter um trabalho melhor e se elas forem professoras vai ser melhor ainda” (E.M., 8 anos)*

É um dado interessante o desejo de duas alunas de serem professoras no futuro, demonstrando possivelmente que a experiência escolar para elas é positiva e que elas gostariam de reproduzir seus aprendizados ao crescer. Outro aluno chegou a expressar que quer ser motorista de ônibus e entende que aprender a matéria escolar o ajudará atingir seu objetivo. As falas infantis demonstram também que as crianças atribuem sentidos próprios ao que é oferecido a elas, isto é, o discurso dominante estereotipado é que elas devem estudar para trabalhar. Porém, elas se apropriam dessa ideologia e conferem um significado pessoal ao tema, escolhendo profissões que desejam e que fazem sentido para suas vivências individuais.

### Brigas e Conflitos

A categoria **Brigas e Conflitos** teve destaque na fala das crianças durante as entrevistas. Porém, não foi um tema presente em seus desenhos; apenas uma aluna citou que em sua escola dos sonhos não haveriam brigas. O assunto da violência surgiu logo após a primeira questão da entrevista “fale-me algo sobre a sua escola” e foi abordado similarmente por todos os grupos ao falarem de suas experiências. Os alunos começaram citando aspectos bons em sua rotina, mas em seguida contavam sobre o que os incomoda:

*“Tem brigas e brincadeiras de mau gosto; algumas guerras...” (G.F., 9 anos)*

*“Ele pede pra parar mas o outro continua batendo” (J.C., 8 anos)*

*“Toda vez que um menino me vê, ele fica de brincadeira comigo. Ele fica assim, me empurrando toda hora” (K., 8 anos)*

*“E também na escola tem gente que bagunça bastante (...) e batem nas pessoas também. Às vezes batem nas pessoas por nenhum motivo” (E.M., 8 anos)*

*“Tem alguns colegas que não sabem respeitar os outros e os maiores ficam violentando os menores” (G.F., 9 anos)*

*“As pessoas tão muito se machucando e quase ninguém tá vindo pra escola” (A., 8 anos)*

Os conflitos citados pelas crianças parecem ocorrer tanto no período do recreio quanto na sala de aula, nas formas de violência física e verbal e entre crianças mais velhas e mais novas. Outro aspecto abordado foi a falta de respeito e de solidariedade entre alunos, por não saberem conversar sobre os problemas e dividirem objetos. A categoria de análise **Colaboração e Respeito ao Próximo** apareceu relacionando-se com esse tópico, evidenciando o desejo dos alunos por menos violência.

Outro aspecto relevante foi que uma aluna citou que existem crianças com dificuldades fora da escola, podendo influenciar em suas ações: *“tem crianças que às vezes passam por alguma coisa muito ruim, tem adultos que violentam as crianças”* (G.F., 9 anos), demonstrando consciência mais ampla sobre problemas pessoais e familiares além do ambiente escolar. Conforme observado pela pesquisadora em sala de aula, durante a oficina “roda de conversa”, as crianças discutem na escola questões complexas, como desigualdades, violações e infrações aos Direitos Humanos. A fala da aluna demonstra essa percepção e apropriação de conhecimento, sendo um aspecto positivo para a formação completa dos estudantes.

### Colaboração e Respeito ao Próximo

A categoria **Colaboração e Respeito ao Próximo** está diretamente ligada à percepção da violência na escola pelas crianças e surgiu quando foram questionadas sobre a sua escola

e o que melhorariam nela. Em suas falas, os dois temas estavam associados, pois muitos estudantes desejam mais respeito em suas relações e acreditam que educação pode diminuir brigas e conflitos:

*“Mudaria na escola mais crianças não brigando por coisa, dividir as coisas (...) a gente tem que saber respeitar o próximo”* (G.F., 9 anos)

*“Pode melhorar as brigas a educação, respeito. Não ser tão brigas”* (E., 8 anos)

*“Queria menos pessoas rabiscando nas paredes da escola”* (G.F., 9 anos)

*“Elas podem aprender em casa, junto com a mãe, a escutar, a respeitar um ao outro. A gente não gosta do que fazem com a gente, então a gente não pode fazer com o outro”* (G.Q., 8 anos)

*“Os grandes ficam batendo bastante (...) às vezes a gente faz por um motivo, mas a gente não resolve esse problema batendo, é conversando”* (E.M., 8 anos)

Portanto, foi um assunto que apareceu ao falarem sobre a sua escola, ao desenharem sua escola ideal e sobre o que fariam diferente no local.

### Sentimentos Positivos e Negativos

Esta categoria se refere aos sentimentos que as crianças manifestaram ao falarem de suas experiências escolares e ao responderem “como vocês se sentem na escola?”. Os dados coletados demonstram que as crianças relacionam suas vivências estudantis mais a sentimentos positivos, como estar feliz e confortável na escola, do que a negativos, como cansaço, tédio ou tristeza causada por conflitos. O motivo dessa afirmação é a frequência na qual cada sentimento apareceu na fala das crianças, ou seja, sentimentos positivos prevaleceram em suas expressões, apesar dos negativos também surgirem:

*“Saímos da escola muito felizes”* (J.C., 8 anos)

*“Eu gosto de estudar aqui”* (E., 8 anos)

*“Eu gosto da escola, eu me sinto muito feliz”* (G.Q., 8 anos)

*“Mas tem colegas que se sentem mal”* (G.F., 9 anos)

*“O pior é acordar cedo, que eu não gosto (...) me irrita” (G.Q., 8 anos)*

*“Me sinto médio. Tem um pouco de chatice” (N., 8 anos)*

*“Eu to me sentindo muito mal, porque eu tenho três dias de advertência na escola” (K., 8 anos)*

Já na fala sobre os desenhos, sentimentos não foram identificados. Por último, nessa categoria destaca-se o sentimento de pertencimento que algumas crianças expressaram a respeito da escola, algo positivo e essencial para o processo de escolarização:

*“Eu me sinto livre porque pra mim a escola é tipo uma casa, porque as pessoas me tratam bem aqui” (A., 8 anos)*

*“Eu me sinto um filho da escola, porque eu já sou daqui há muito tempo” (E., 8 anos)*

### Amizades

Apesar de estar presente na fala das crianças, a categoria **Amizades** não foi abordada com tanta frequência nas entrevistas. Foi um tema que surgiu entre os estudantes ao responderem as questões sobre sua escola, sobre seus colegas ou sobre o que mudariam no cotidiano. Algumas crianças demonstraram o desejo de possuir mais amigos para brincar ou para evitar brigas:

*“Às vezes não brincam comigo, às vezes eu brinco sozinha, mas às vezes eu peço pra eles se eu posso brincar” (G.Q., 8 anos)*

*“Eu colocaria na escola mais crianças tendo amizade” (G.F., 9 anos)*

*“Eu tenho bastante amigos aqui” (E., 8 anos)*

Nas explicações das crianças sobre os desenhos, o tema foi abordado tanto na representação da escola real, quanto da escola ideal. A diferença entre um e outro parece ser o ambiente no qual os alunos convivem: na escola real as crianças estão sentadas em mesas, com o material escolar presente; já na escola dos sonhos, as relações se dão por meio de brincadeiras em espaço lúdico. Por exemplo, ao falar sobre a escola real, A. citou

gostar de fazer dupla para realizar atividades, como contas de matemática. Portanto, estava se relacionando com o outro, mas em uma tarefa de sala de aula. Já G.Q., explicou que em seu desenho sobre a escola dos sonhos existia um dia da alegria, no qual muitas pessoas brincavam. Ou seja, sua representação sobre as relações de coleguismo e amizade no ambiente ideal ocorriam por meio de ações lúdicas.

### Infraestrutura e Material

A categoria **Infraestrutura e Material** foi uma das que mais apareceu das crianças. Na entrevista, esse tópico estava relacionado principalmente com o ambiente real da escola e com melhorias que os alunos desejam:

*“Minha escola é muito legal, porque tem lanchinho pra gente comer”* (K., 8 anos)

*“Eu colocaria outra escada, mesas novas”* (B., 8 anos)

*“Eu ia mudar as paredes, lá embaixo elas são quebradas e eu ia consertar tudo”* (E., 8 anos)

**Infraestrutura e Material Escolar** são representados como objetos de trabalho e estudos nos desenhos da escola real. Já na escola dos sonhos, foram retratados como instrumentos para lazer e momentos lúdicos, como parquinhos, quadras de esporte, piscina e brinquedos.

### Brincadeiras e Lazer

Por fim, **Brincadeiras e Lazer** é uma categoria que se destaca por aparecer em quase todas as falas sobre os desenhos da escola dos sonhos dos alunos. Foram temas relacionados também a uma infraestrutura escolar diferente do habitual e à relacionamentos sociais. Nas entrevistas e no desenho da escola real, o tema lúdico não surgiu com frequência. A brincadeira apareceu na expressão das crianças sobre sua escola de maneira tímida, mais como um desejo do que como realidade:

*“Podia ter um passeio né. Nós podíamos ir no zoológico”* (J.C., 8 anos)

*“Eu melhoraria o brincar” (G.Q., 8 anos)*

*“As crianças querem estudar. Mas as crianças também querem se divertir né” (E.M., 8 anos)*

Nota-se a prevalência do desejo das crianças de brincarem mais, pois em suas escolas dos sonhos, o tempo lúdico é prioridade. Porém, nas entrevistas e no desenho da escola real, percebe-se que a realidade não corresponde às expectativas infantis.

### Desenhos

O primeiro ponto a se destacar a respeito dos desenhos é que as interpretações serão realizadas a partir dos signos apresentados no retrato, mais a verbalização que os autores fizeram sobre suas produções, concordando com os autores revisados na introdução. Ou seja, a análise é feita a partir da explicação das crianças sobre o desenho. Outro aspecto relevante a se apontar, é que os desenhos apresentados adiante não são a totalidade coletada, apenas buscam ilustrar as categorias analisadas.

Nota-se prevalência da categoria **Estudos e Aprendizagem** no retrato da escola real e **Brincadeiras e Lazer** no retrato da escola dos sonhos. Ao se comparar as duas propostas de expressão gráfica, torna-se nítida a diferença entre o desenho da escola convencional e da escola ideal:

### Escola Real



“Eu desenhei uma menina fazendo a lição. Eles tavam copiando o cabeçalho e a professora parou dizendo que tava na hora do lanche” (G.F., 9 anos)

### Escola dos Sonhos



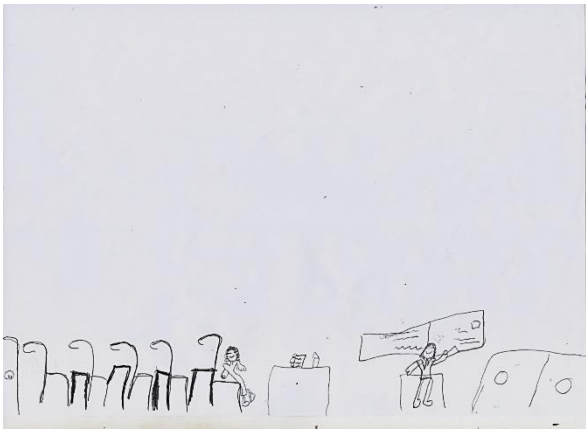
“A minha escola, atrás da escola tinha uma quadra de basquete, do lado da escola tinha uma loja de brinquedos que dão brinquedos de grátis. Antes que a aula começa, ou na hora do recreio, eles saem pra brincar na quadra de basquete ou eles saem pra pegar brinquedos” (G.F., 9 anos)



“Eu gosto muito que faz dupla. Nós tá fazendo continhas” (A., 8 anos)



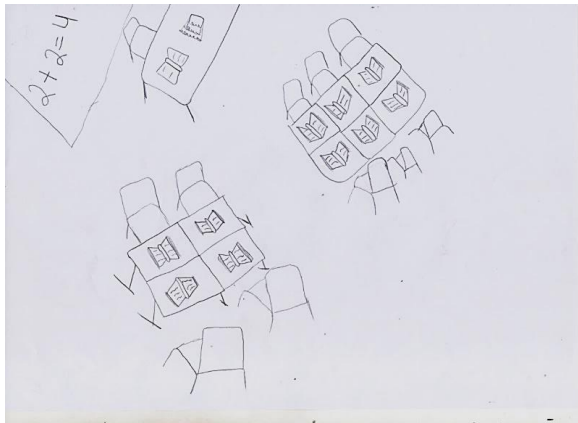
“Uma escola que tem piscina e tem brinquedos. Nós tá brincando de piscina e com brinquedos” (A., 8 anos)



*“Eu desenhei a professora dando aula. Eu to prestando atenção na aula que ela tá dando”*  
(E.M., 8 anos)



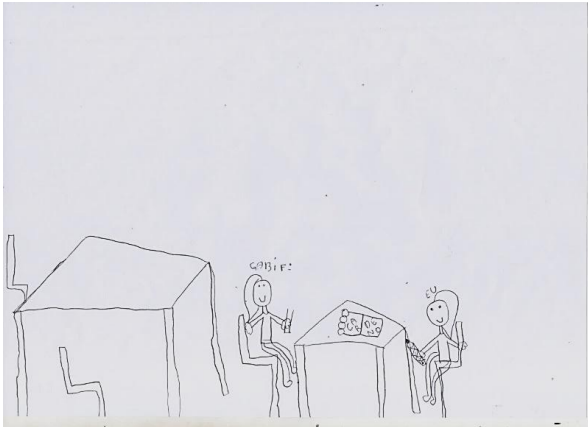
*“Eu desenhei a minha escola dos sonhos, que todo mundo ia de fantasia pra escola. A professora não passava continhas, só passava desenho”* (E.M., 8 anos)



*“Desenhei uma sala, só que as pessoas tavam no recreio. Eles deixaram o livro pra ler depois, em cima da mesa”* (B., 8 anos)



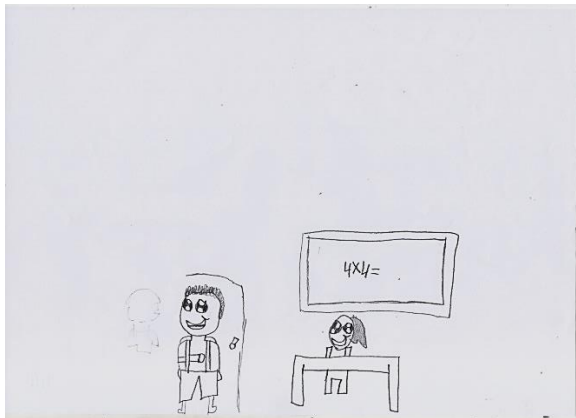
*“A escola e aqui é o chão, que é tipo uma estrada indo pra escola, aqui é o parquinho da escola. As pessoas estudam muito, brincam e nessa escola eu não queria que tinha briga”* (B., 8 anos)



*“Eu desenhei eu no recreio com a minha amiga e eu levei meu estojo, ela levou o dela, eu dei uma folha pra ela e a gente tá desenhando” (G.Q., 8 anos)*



*“Eu desenhei uma escola que na quadra é o dia da alegria e a gente tava brincando, tinha um monte de pessoa. Tinha um monte de brinquedo, tinha dois escorregas, um tobogã bem alto, que quando a gente tá chegando no final do tobogã tem uma piscina. Aí tem outro escorregador” (G.Q., 8 anos)*



*“Eu fiz eu chegando na sala de aula. Eu cheguei atrasado e a professora colocou um ponto” (N., 8 anos)*



*“Não é escola que existe... tinha piscina e piscina de espuma!” (N., 8 anos)*

Comparando os desenhos, o uso de cores predomina no retrato da escola dos sonhos e parece evidenciar a afetividade e o desejo investido das crianças nessa representação. Já a estrutura da escola real é menos colorida, mais rígida e formal. A escola ideal é representada como um local de movimento, relacionamentos, ar livre, lazer e brincadeira,

enquanto a escola real é um lugar onde ocorrem aulas, fechado, limitado, com mesas, cadeiras e regras institucionais.

Um dado interessante é que muitas crianças desenharam suas salas de aula na escola real, mas em suas falas expressaram a vontade de estar fora desse ambiente, principalmente no recreio. Já na escola dos sonhos, a sala de aula fica em segundo plano e o pátio, a quadra de esportes e os brinquedos se tornam protagonistas. No desenho da escola dos sonhos as crianças buscam demonstrar sua vontade por mais tempo lúdico e por uma arquitetura escolar diferenciada.

Outro aspecto que chama a atenção nos desenhos da escola dos sonhos, é que muitos alunos desenharam casas (lares) para representar a escola ideal, como se buscassem pelo sentimento de conforto e pertencimento àquele ambiente onde passam muito tempo de seus cotidianos. As crianças imaginaram, portanto, um lugar onde desejam estudar usando a fantasia infantil, mas ao mesmo tempo representando a realidade que conhecem, pois escorregadores, piscinas e lojas de brinquedos são objetos concretos e presentes em suas vidas, porém não associados a suas realidades escolares convencionais.

Por fim, é importante ressaltar que os temas identificados nos desenhos são os mesmos que nas respostas das entrevistas. Porém, é nítido o quanto as crianças citaram mais **Estudos e Aprendizagem** e **Trabalho** no discurso racional e no desenho da escola real, mas em suas escolas dos sonhos o destaque é **Brincadeiras e Lazer**, do qual as crianças sentem falta. Ou seja, o instrumento desenho história parece ser eficaz para diminuir a resistência dos sujeitos, os desviando da tentativa de agradar ao adulto e de responder conforme a norma social, evidenciando seu desejo sincero de mais momentos lúdicos em seu cotidiano.

## DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados pelos instrumentos de investigação e junto dos resultados evidenciados, diversos temas podem explicar como é a experiência escolar que crianças de Ensino Fundamental I vivem. Assim como Dayrell (1996) esclarece, a escola sofre um processo de apropriação pelos estudantes, que interpretam seu cotidiano de diversas maneiras e criam sentidos para o que vivem. Além disso, o autor cita que a escola é construída cotidianamente pelos sujeitos na trama social, ou seja, o que os alunos pensam sobre a escola é também a forma pela qual ela será constituída e transformada. Dando a voz aos alunos, portanto, esse estudo buscou ampliar o conhecimento da percepção infantil sobre a escola (CRUZ, 2004), considerando que são sujeitos que transformam a cultura e são por ela transformados (DO AMARAL, 2008).

O primeiro aspecto a se destacar é a questão do aprendizado e do futuro no mercado de trabalho. Os resultados evidenciaram a frequência desses assuntos nas expressões das crianças e os sentidos pessoais que elas atribuem aos temas. Os alunos parecem reproduzir o discurso do adulto e a lógica dominante social (PATIÑO, 2010), de que necessitam aprender para possuir uma boa profissão, sendo assim valorizados e aprovados em uma sociedade normativa. A aluna B. evidencia essa percepção ao afirmar que se não aprender conceitos na escola, irá perder os amigos, o emprego e terminará na rua. Ou seja, a instituição escolar é o meio pelo qual estudantes irão ascender socialmente. Por outro lado, as crianças encontram significados individuais para dar sentido ao discurso dominante, ao refletirem sobre o que gostam e desejarem profissões específicas em seus futuros, como motorista e professora. Assim como Dayrell (1996) coloca, os alunos vão criando planos e projetos para seus futuros, gerando uma razão para estar na escola.

Ainda assim, aprender a matéria escolar é uma ação muitas vezes tediosa ou complicada para os alunos, levando-os a criar estratégias de enfrentamento a esse cotidiano obrigatório. Dayrell (1996) cita essa questão, ao dizer que para lidar com a monotonia da sala de aula, os alunos realizam brincadeiras e conversas paralelas. A pesquisadora pode observar esse movimento durante suas visitas à escola, onde viu alunos desenhando, levantando da cadeira, apagando e ligando a luz ou até tentando sair da sala de aula durante o período letivo. Na fala dos alunos durante a entrevista, também pode-se

identificar a falta de interesse ou compreensão de algumas matérias, por exemplo, o N. ao dizer que na escola há “*um pouco de chatice*” e E. que explica “*a aula é um pouquinho pesada e a gente não entende muito*”. Nesse sentido, Dayrell (1996) questiona se a escola é pensada para seu público alvo ou se apenas é uma instituição que se organiza para si mesma. Essa reflexão é pertinente para a presente investigação, pois muitos alunos associam ir à escola com aprender e estudar, mas ao mesmo tempo não se interessam pelo que é ensinado ou não conseguem compreender a matéria. Portanto, levanta-se a dúvida se a escola está conseguindo atingir seus resultados esperados, de formar alunos e prepará-los para viver em uma comunidade com uma cultura e regras sociais ou se há apenas um distanciamento entre o ensinar e o aprender, como colocam Rosado e Campelo (2011).

Outro ponto de destaque que interfere na percepção infantil sobre a experiência escolar são os conflitos ali presentes. Conforme Paro (2016), a escola sofre com a precarização de seus recursos, com brigas e problemas internos e os resultados da investigação atual evidenciaram a urgência desse tema. Presentes no cotidiano das crianças, as violências tornam a experiência escolar mais difícil e complexa, criando desgastes, inimizades e angústias. Os alunos demonstram sua vontade por mais respeito, mais amizades e senso de coletividade em sua instituição. Os relacionamentos interpessoais são extremamente importantes na constituição da subjetividade do sujeito e a forma na qual eles se relacionam determinam a construção de sentidos e significados de suas vivências (DE SOUZA; PLACCO, 2005), assim, é essencial que sejam harmoniosas, pois serão referências para suas relações futuras em comunidade. A expressão dos alunos sobre o assunto foi intensa; todas as crianças citaram brigas como algo que eles repudiam e gostariam que não existisse. A pesquisadora também pode observar os conflitos durante o recreio na escola, com muitas crianças se machucando e chorando.

Cabe ressaltar que intermediar conflitos é um trabalho árduo, mas que possui um caráter construtivo de identidade e de relações (CORSI, 2011), sendo recomendável a presença de um adulto para intervir nas relações infantis e orientá-los para práticas mais respeitadas. Porém, o corpo docente da escola visitada encontra-se sobrecarregado, assim como de muitas outras escolas, tornando quase impossível o trabalho de coordenar as relações entre estudantes e deixando os educadores tão esgotados quanto os alunos. A partir da

observação e dos resultados obtidos esse é, portanto, um problema central no cotidiano escolar, que deve ser foco de discussões da escola brasileira, para elaboração dos fatos e busca de recursos adicionais para enfrentar as ocorrências. Os próprios alunos tentaram propor soluções durante a pesquisa, como dividir objetos, ter empatia, respeitar as pessoas e resolver as divergências por meio de conversas. Dayrell (1996) discorre sobre o tema, enfatizando a importância das relações sociais na escola, pois a instituição é um ambiente de encontro, ideal para desenvolver laços afetivos entre crianças e boa convivência em grupo.

Nesse sentido, reflete-se sobre a possibilidade de compartilhar sentimentos no ambiente escolar. Os resultados demonstram que os alunos relacionam sua experiência escolar com sentimentos positivos, como estarem felizes e confortáveis na instituição, apesar de vivenciarem os conflitos citados. Reforçando essa afirmação, ao serem perguntados: “se vocês *pudessem nunca mais vir à escola, escolheriam isso?*”, sete de nove alunos responderam “*não escolheria*”. Os dois estudantes que responderam que escolheriam, explicaram que seria apenas para descansar por um período, mas que não seria definitivo. Ou seja, apesar dos conflitos e da rotina desgastante, as crianças parecem desejar estar na escola e a relacionam com experiências positivas, concordando com a pesquisa de Chaves e Barbosa (1998), que demonstra que as crianças valorizam sua escolaridade e possuem boas representações da instituição.

Além disso, conforme compreendido a partir de seus desenhos, os alunos buscam por sentimento de pertencimento à escola, como se a instituição fosse sua casa; um local seguro, onde podem se expressar com liberdade e se relacionarem bem, se integrando assim, ativamente ao ambiente escolar (CHAVES; BARBOSA, 1998). Concordando com Dayrell (1996) a escola é um lugar ideal para que as crianças possam compartilhar sentimentos, pois elas demonstram possuir essa necessidade. O compartilhar auxilia na construção de bons relacionamentos sociais e na ampliação da consciência pessoal e coletiva, podendo ser um dos fatores que contribuem para a diminuição de conflitos entre estudantes e construção de identidade; para isso é interessante que durante as práticas educativas haja espaço para esse tópico, por exemplo por meio de assembleias estudantis e rodas de conversa.

Outro tema que aparece com frequência na percepção infantil sobre sua experiência escolar é a estrutura da instituição. A arquitetura do local contribui para a formação do aluno, pois influencia em sua percepção de ir e vir, de conhecer uns aos outros, de possibilidades de estudo e lazer e da sensação de pertencimento ao lugar (DAYRELL, 1996). Os resultados apresentam a visão das crianças sobre a estrutura principalmente em seus desenhos da escola dos sonhos, nos quais as escolas têm pátio, brinquedos, quadra de esportes, piscina, entre outros objetos lúdicos. Além disso, são escolas coloridas, bem cuidadas, com espaços ao ar livre, plantas e sol. Os próprios estudantes afirmam em suas falas que melhorariam a instituição real com novas cadeiras, escadas e pintura nas paredes. Os resultados se relacionam com o estudo de Rosado e Campelo (2011), que identificaram uma falta de brinquedos na instituição escolar, situação que incomodava os indivíduos investigados. Portanto, esses dados demonstram o desejo dos alunos por uma estrutura escolar diferente, reformada e com mais recursos, que é um direito dos estudantes no sistema público brasileiro e também deve ser alvo de debate entre os envolvidos.

Por último, porém um dos temas mais importantes dessa discussão, é a questão do momento lúdico na escola. Os estudantes não verbalizam intencionalmente sua necessidade por brincar, mas em seus desenhos seus desejos se tornam nítidos e a estrutura escolar que eles desejam também está relacionada com essas características. A brincadeira é uma ação central na vida de crianças, sendo essencial para seu desenvolvimento (PATIÑO, 2010) e os alunos anseiam por mais tempo de lazer na escola. Além disso, a brincadeira contribui para a construção de laços afetivos e amizades, algo que as crianças também expressaram sentir falta. Os resultados se relacionam com as pesquisas de Cruz (2004), Do Amaral (2008), Patiño (2010) e Rosado e Campelo (2011), pois todos os autores concluíram que crianças desejam e necessitam de mais espaço para brincar em seus cotidianos e que esse momento é vital para que possam viver suas infâncias, além de ser um direito garantido por lei. Dessa forma, abre-se espaço para a reflexão de o quanto a brincadeira é ou não valorizada na sociedade e sobre como aumentar o tempo lúdico na escola, conciliando a matéria obrigatória com momentos de lazer, atendendo tanto às exigências da comunidade adulta quanto aos anseios infantis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações levantadas no presente trabalho contribuem para o objetivo de entender melhor a perspectiva das crianças sobre suas realidades sociais, ampliando o conhecimento sobre seus cotidianos escolares e compreendendo melhor o que se passa nas instituições. A partir de um reconhecimento mais profundo sobre o que os estudantes pensam, sentem e desejam é possível tentar aproximar a prática pedagógica dos anseios infantis, conforme Rosado e Campelo (2011) colocam, tornando as vivências escolares mais significativas, com mais sentido ao público alvo e transformando os alunos em protagonistas do processo; construindo uma escola *para* os estudantes. Além disso, a contribuição das crianças sobre seus mundos pode auxiliar o adulto a enxergar eventos sob novas perspectivas, enriquecendo percepções e orientando ações.

É possível afirmar que o processo de escolarização ocupa papel central na vida das crianças e que elas se apropriam dessa experiência. O *ir à escola* é valorizado pelos alunos e no geral se apresenta como uma vivência positiva – eles compreendem a importância de aprender, estudar e de estar com outras pessoas. Porém, existem diversos fatores que interferem e prejudicam essa experiência, como falta de recursos da instituição, poucos momentos lúdicos, desgaste dos educadores e dos alunos e violência infantil.

Um fato interessante é que os próprios estudantes buscaram soluções para esses conflitos; eles identificam os problemas e têm consciência de que podem melhorá-los. Além disso, se posicionam em relação ao que desejam fazer, expressando necessidades pessoais e coletivas. Esses dados reforçam a relevância de ouvir os alunos e lhes conceder protagonismo para a transformação da escola, pois são atores sociais com direitos, transformados pela cultura e pelo ambiente no qual vivem, mas também transformadores destes. As crianças entrevistadas tiveram ávido interesse em participar da pesquisa, conversando e desenhando sobre a sua escola, evidenciando sua necessidade de se expressar e de se colocar diante da figura adulta.

O presente trabalho buscou, portanto, adicionar informações ao que se sabe sobre a realidade escolar na perspectiva de crianças, contribuindo para esse conhecimento, mas também abrindo espaço para mais pesquisas nesse ramo, pois existem diversos assuntos relevantes relacionados ao mundo infantil, que devem ser constantemente revisados e construídos, junto da participação das crianças.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Eveline Tonelotto; DE SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Sentidos do Respeito para alunos: uma análise na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(2), 255 – 270, 2015.
- CAMPOS-RAMOS, Patrícia Cristina; BARBATO, Silviane. Participação de crianças em pesquisas: uma proposta considerando os avanços teórico-metodológicos. *Estudos de Psicologia*, 19(3), julho a setembro, 157-238, 2014.
- CHAVES, Antonio Marcos; BARBOSA, Márcio Ferreira. Representações sociais de crianças acerca da sua realidade escolar. *Estudos de Psicologia*, Vol. 15, nº 3, 29 -40, 1998.
- COLA, César. *Ensaio sobre o desenho infantil*. 3. Ed. - Vitória: EDUFES, 2014.
- CORSI, Bianca Rodriguez. Relações e conflitos entre crianças na Educação Infantil: o que elas pensam e falam sobre isso. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 42, p. 279 – 296, out./dez. Editora UFPR, 2011.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Ouvindo crianças: considerações sobre o desejo de captar a perspectiva de crianças acerca da sua experiência educativa. *27ª Reunião Anual da Anped*. 2004
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. Percepções das crianças sobre suas experiências na creche. *XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2012*.
- DA NATIVIDADE, Michelle Regina; COUTINHO, Maria Chalfin; ZANELLA, Andréa Vieira. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, 1(1): 9-18, janeiro-junho, 2008
- DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sócio-cultural. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DE SOUZA, Vera Maria Trevisan; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores. *Psicologia da Educação*, São Paulo, 2005.
- DIAS, Edilamar Borges; CAMPOS, Rosânia. Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade. *Rev. Bras. Estud. Pedagog. (online)*, Brasília, v. 96, n. 244, p. 635-649, set./dez, 2015.
- DO AMARAL, Arleandra Cristina Talin. *O que é ser criança e viver a infância na escola: uma análise da transição da educação infantil para o Ensino Fundamental numa escola municipal de Curitiba*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.
- DOS SANTOS, Gilberto Lima; CHAVES, Antonio Marcos. Significados que as crianças atribuem aos seus direitos. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*; 17(2): 87-97, 2007.
- GONÇALVES, Angela Vidal. Alfabetização: o olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 33, n. 89, p. 125 – 140, jan – abr, 2013.
- PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. 4ª edição, Editora Cortez, 2016.

PATIÑO, Joana Fontes. *Compreendendo como as crianças significam o direito de brincar*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

TOMÁS, Catarina; GAMA, Ana. Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. *Educação, Territórios e (Des)Igualdades II Encontro de Sociologia da Educação*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 27 e 28 de janeiro, 2011.

ROSADO, Cristine Tinoco da Cunha Lima; CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. Educação escolar: a vez e a voz das crianças. *Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.19, n.71, p.401-424, abr./jun, 2011.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, pp. 25-40, Jan/Jun, 2006.

## **ANEXOS**

I.

### **PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

#### **DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Compreendendo a experiência escolar na perspectiva de crianças de Ensino Fundamental I

**Pesquisador:** Marilda Pierro de Oliveira  
Ribeiro

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 87381018.9.0000.5482

**Instituição Proponente:** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### **DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.742.208

#### **Apresentação do Projeto:**

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em

Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Ana Luiza Braga, sob a orientação da Profa. Dra. Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro.

A proposta informa resumidamente que “(...) O presente trabalho deseja investigar e compreender a experiência escolar no Ensino Fundamental I, a partir do ponto de vista e da fala de crianças de escola pública; considerando que as crianças são sujeitos sociais com direitos, dignas de respeito e de voz (TOMÁS; GAMA, 2011) e que sendo a escola um dos principais ambientes sociais das crianças, deveria ser um espaço de escuta e de protagonismo dos alunos. Foi realizado um levantamento de métodos de pesquisa com crianças, considerando que a linguagem oral não é a única e nem a central para elas (GONÇALVES, 2013). Assim, além de realização de entrevistas e questionários, são utilizados métodos de representações gráficas para investigação, como desenhos história, e observação das crianças agindo de forma espontânea em seus contextos escolares. O objetivo do estudo é compreender os sentidos que as crianças dão a seu cotidiano escolar a partir de suas falas e expressões. Dessa forma, abre-se espaço para ampliar os conhecimentos já estabelecidos ao longo dos anos sobre a educação escolar, caso dados relevantes surjam.”

## **Objetivo da Pesquisa:**

### **Objetivo Primário:**

O objetivo desse trabalho é compreender a experiência escolar na perspectiva de crianças de Ensino Fundamental I, a partir do ponto de vista e da fala das crianças, indo de acordo com a literatura especializada, de que a criança é um ator social que possui voz e opiniões próprias dignas de serem ouvidas, respeitadas e entendidas e que suas contribuições são essenciais para a construção de conhecimento, para a compreensão de seus contextos de vida e processos de subjetivação e para o desenvolvimento de uma escola de qualidade mais humana.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a pesquisa possui uma linha metodológica definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados a contendo, conforme as diretrizes e indicações internas do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre.

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há, portanto, recomendamos à aprovação da pesquisa ao Colegiado do CEP-PUC/SP.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1035759.pdf	12/05/2018 15:21:11		Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao_Ana_Braga.docx	30/03/2018 16:55:25	Ana Luiza Braga	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_Projeto_TCC_Ana_Braga_assinado.pdf	30/03/2018 16:54:46	Ana Luiza Braga	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_TCC_Ana_Braga.pdf	18/03/2018 19:44:36	Ana Luiza Braga	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_escola_ceciliano_jose_enn.es.jpg	18/03/2018 19:43:33	Ana Luiza Braga	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TCC_Ana_Luiza_Braga.docx	19/02/2018 17:23:24	Ana Luiza Braga	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Ana_Luiza_Braga_2018.pdf	19/02/2018 17:20:44	Ana Luiza Braga	Aceito

Página 03 de

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 28 de Junho de 2018

---

**Assinado por:**

**Antonio Carlos Alves dos Santos  
(Coordenador)**

## II.



### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “**Os sentidos e significados da experiência escolar na perspectiva de crianças de Ensino Fundamental I**”, realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da aluna-pesquisadora **Ana Luiza Braga**, sob supervisão e responsabilidade da **Professora Dra. Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro**. O objetivo da pesquisa, em linhas gerais, é estudar/compreender os sentidos e significações da experiência escolar no Ensino Fundamental I, a partir do ponto de vista e da fala de crianças de escola pública; considerando que as crianças são sujeitos sociais com direitos, dignas de respeito e de voz. Sua participação será voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada e desenhos história. Se você aceitar participar, indiretamente estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Se depois de consentir em sua participação desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Caso a pesquisa seja publicada comprometemo-nos a manter sua identidade em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a aluna-pesquisadora, pelo telefone **(11) 976341617**, ou com a professora responsável, pelo número **(11) 36708320**.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

**Consinto em participar deste estudo**

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_

Nome e assinatura do(a) estudante

Matrícula: RA00147012

\_\_\_\_\_

Local e data